AULA

23

O campo brasileiro

Nesta aula vamos aprender como a **agropecuária** participou da construção das paisagens brasileiras. Vamos entender como a orientação preferencial para o **mercado externo** marcou profundamente as relações entre o campo e a cidade no Brasil e foi responsável pela concentração da **estrutura fundiária**.

Chico tem uma nova tarefa. Agora, precisa levar um carregamento de farelo de soja da área rural do Norte do Paraná para o porto de Santos, litoral do Estado de São Paulo. À medida que se aproxima do porto, o tráfego de caminhões começa a ficar muito intenso e chega a parar, a trinta quilômetros da chegada.

Quem dirige o caminhão da frente é Duda. Ele transporta suco de laranja, já embalado para exportação na região de Ribeirão Preto, interior de São Paulo.

Duda e Chico se encontram com freqüência nesse trajeto. Na parada, conversam:

– Tem cada vez mais caminhões vindo para esse porto– diz Duda.

– Também, por aqui vai mercadoria do Brasil inteiro para fora– completa Chico.

– Esses engarrafamentos atrapalham muito a entrega dos produtos. São mesmo um problema. Eu já estou atrasado para entregar a soja e também para receber o carregamento de trigo que tenho de levar para uma indústria de massas e biscoitos na grande São Paulo – diz Chico.

– Pois é – responde Duda. – Mas o que seria do caminhoneiro se não fosse o movimento de produtos do campo para a cidade, ou para os portos? Este país ainda depende muito da agricultura!

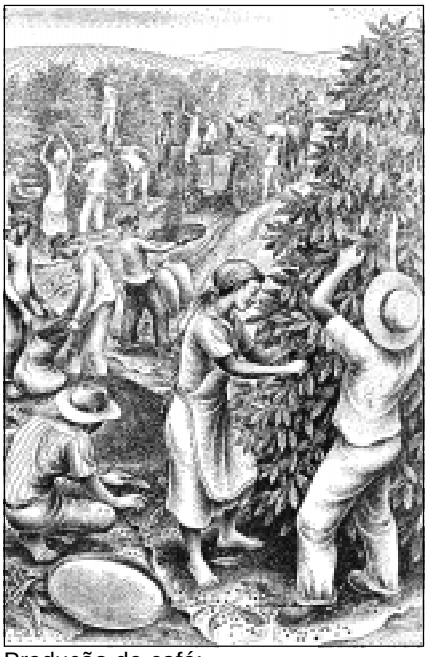
As cidades se relacionam com o campo e com outras cidades próximas por meio da circulação de pessoas, mercadorias e informações. As cidades dependem do fornecimento de **alimentos** e **matérias-primas** do campo, trocando-os por **produtos manufaturados** e **serviços**.

Serviços são atividades como a administração pública, o comércio em atacado e no varejo, bancos, oficinas de automóveis e caminhões, médicos, barbeiros e outros.

Desde o início da ocupação do território nacional, as relações entre as cidades e o campo foram marcadas pela maneira como se organizaram a produção e a circulação de mercadorias. A organização da produção implantada pelos portugueses no território brasileiro desde logo priorizou, no campo, a produção de mercadorias para exportação. Essa mesma organização atribuiu às cidades a **função** de controlar para a Coroa portuguesa as trocas comerciais com o exterior, cobrando impostos e combatendo o contrabando.

Desde cedo, o processo de colonização orientou a economia brasileira para fornecer produtos florestais, agrícolas e pecuários para o **mercado externo**, isto é, aquele que se situa além de suas fronteiras.

Assim, Portugal fez do Brasil uma **colônia de exploração**, diferente das **colônias de povoamento** que surgiram, por exemplo, no norte dos Estados Unidos. Lá, os imigrantes europeus buscavam construir uma nova sociedade, e não simplesmente enriquecer com a exploração dos recursos naturais da terra.



Produção de café:
uma agricultura de exportação

Para a **agricultura comercial de exportação** foram destinadas as melhores terras nas planícies próximas ao litoral. Isso empurrou as **lavouras de subsistência** e a criação de gado, que eram as principais produtoras de alimentos, para as terras de planalto do interior.

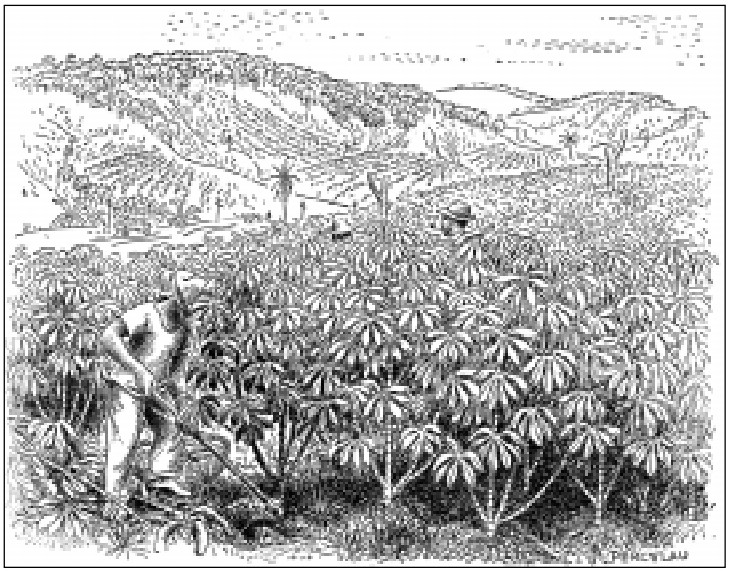
Essa forma de ocupação do território marcou profundamente a Geografia do Brasil. Por diversos motivos.

Em primeiro lugar, porque a agricultura de exportação sempre foi grande consumidora de terras, formando grandes **monocultoras**.

As lavouras monocultoras são aquelas que só plantam um determinado produto, utilizando ao máximo a fertilidade natural dos solos e pouco se preocupando com investimentos na melhoria dos métodos de plantio.

Além de empregar a monocultura, a agricultura de exportação foi **extensiva**, isto é, utilizou grandes extensões de terra para produzir barato para o mercado externo.

Em segundo lugar, a agricultura de exportação utilizou por muito tempo a mão-de-obra escrava. Com isso, não pagava salários e atrasou a formação de um **mercado interno** no Brasil.



Mandioca:
lavoura voltada para
o mercado interno

O grande proprietário de terras preferia importar tudo de que necessitava, até alimentos para escravos. É o caso da carne-seca que vinha da Argentina, uma manufatura criada fora do Brasil para abastecer as plantações de café da antiga província do Rio de Janeiro.

Em terceiro lugar, a forma de ocupação do território condicionou a evolução das cidades brasileiras. Durante todo o período em que predominou a agricultura de exportação, as cidades desempenharam papel secundário. Nelas destacavam-se apenas as **funções urbanas** de porto, centro comercial e de controle político-administrativo. Cidades como Salvador, Olinda e, posteriormente, Recife, São Luís e o Rio de Janeiro, todas situadas no litoral, foram as mais importantes durante o período colonial e no Império.

As pequenas cidades que se formaram no interior do Brasil foram meras continuações do campo. Nelas concentravam-se algumas funções comerciais e de serviços, muitas vezes temporárias, como as feiras.

Como a agricultura utilizava preferencialmente as áreas de floresta, a pecuária empregava as áreas de vegetação aberta, como os **campos** ou a **caatinga** (que significa mata branca, em tupi-guarani).

Foi justamente em lugares situados entre as áreas de pecuária e de grandes plantações que apareceram as feiras de gado que se transformaram, com o decorrer do tempo, em cidades. Esse é o caso de Campina Grande, na Paraíba, de Campinas, em São Paulo, e Ponta Grossa, no Paraná.

A agricultura de exportação foi a responsável pela formação de uma **estrutura fundiária** muito concentrada no Brasil. A estrutura fundiária, isto é, a forma como se distribui a propriedade da terra em um determinado lugar, é formada por grandes, médias e pequenas fazendas.

Uma estrutura fundiária é concentrada quando praticamente não existem fazendas de porte médio e a maior parte da terras é controlada por poucas grandes propriedades, isto é, os **latifúndios**.

O restante fica dividido em muitas pequenas propriedades, os **minifúndios**, de onde uma família de trabalhadores mal consegue retirar o seu sustento.

O latifúndio e o minifúndio são os dois lados da mesma moeda. Depois da abolição da escravidão, a agricultura de exportação precisava de grandes quantidades de mão-de-obra na fase do plantio e da colheita. No resto do ano, praticamente não empregava trabalhadores.

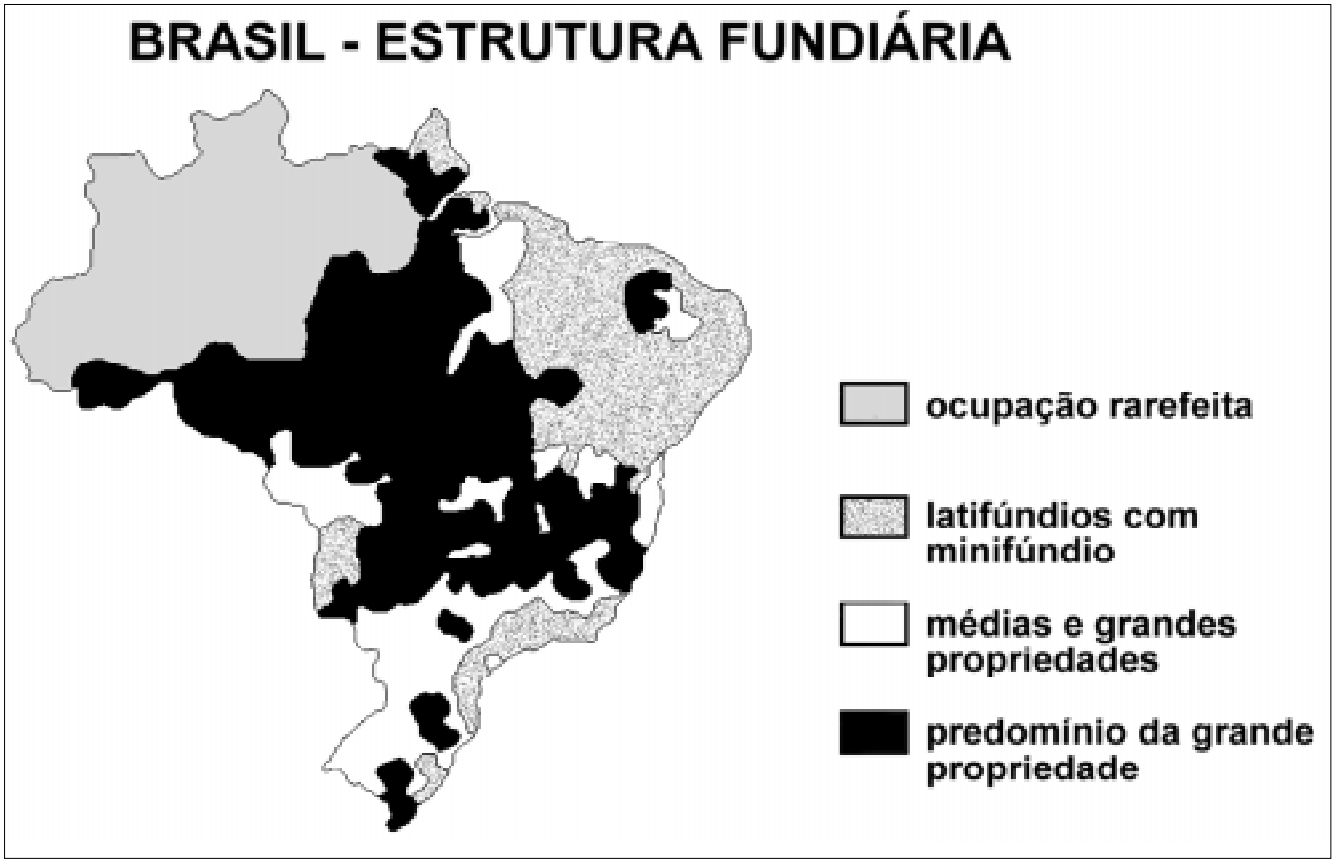
A maneira de resolver esse problema de mão-de-obra sem grandes custos foi utilizar o trabalho temporário das famílias que viviam nas pequenas propriedades vizinhas.

Assim, enquanto tentavam tirar algum sustento da pequena produção no sítio, o pequeno proprietário e sua família tinham de trabalhar na grande fazenda para viver.

Muitas vezes, a família sequer era proprietária da terra: recebia o direito de usar um pedaço de chão para plantar alimentos em troca de trabalho na lavoura ou na criação do grande proprietário.

Esse é o **sistema da parceria**. Ele ainda existe em muitos lugares do Brasil, mas está lentamente acabando desde que o **Estatuto da Terra** – a lei que define as regras da propriedade rural – legalizou o direito de posse do pequeno produtor e determinou que os proprietários regularizassem a situação trabalhista de seus empregados.

Depois que o Estatuto da Terra passou a valer, na década de 60, muitos proprietários expulsaram as famílias de parceiros que viviam nas fazendas. Sem alternativa, essas famílias foram viver nas "pontas de rua" das cidades vizinhas.



Como as fazendas continuavam a precisar de mão-de-obra temporária nas épocas do plantio e da colheita, foram buscar os **bóias-frias**, isto é, trabalhadores temporários que vivem nas cidades, mas que ganham seu sustento no campo.

Depois dos anos 60 e, principalmente, na década de 70, houve um grande processo de transformação na agropecuária brasileira.

Esse processo, conhecido como **modernização do campo**, fez com que as fazendas passassem a empregar predominantemente trabalhadores assalariados e a usar produtos químicos, tratores e máquinas agrícolas. Tornaram-se, desse modo, fazendas **mecanizadas**, que não dependem mais do trabalho familiar dos pequenos produtores.

A mecanização da agricultura permitiu a conquista de novas áreas, como os **cerrados** do interior do Brasil. Neles, a soja se expandiu rapidamente nos últimos anos, transformando-se em um dos principais produtos de exportação do Brasil.

Outro importante produto de exportação brasileiro é o suco de laranja, que vem principalmente do interior de São Paulo. O suco só pode ser produzido, na quantidade e qualidade exigidas pelo mercado externo, com técnicas modernas de cultivo.

Com a modernização do campo, os pequenos produtores acabaram ficando sem terra e sem trabalho, o que explica o surgimento dos **trabalhadores sem terra**.

Hoje, não só o emprego na agropecuária é cada vez menor: as cidades não têm mais condições de absorver a população que busca trabalho e melhores condições de vida.

Atualmente, para o trabalhador, campo e cidade estão na mesma situação. Isso significa que os problemas da agropecuária afetam a vida dos que trabalham na indústria e vice-versa.

Luar do Sertão

Não há, oh gente, oh não
Luar como esse do sertão
Não há, oh gente, oh não
Luar como esse do sertão

Oh que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Esse luar, cá da cidade, tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão

Se a lua nasce por detrás da verde mata
Mais parece um sol de prata,
Prateando a solidão!
E a gente pega na viola que ponteia
E a canção é lua cheia
A nos nascer do coração.

Música e letra de Catulo da Paixão Cearense

Campo e cidade se relacionam por meio da circulação de pessoas, mercadorias e informações. No Brasil, as relações entre campo entre campo e cidade foram muito marcadas pela orientação da produção do campo para o **mercado externo**.

A agricultura de exportação sempre ocupou as melhores terras próximas ao litoral, empurrando as **lavouras de subsistência** e a **criação de gado** para o interior.

A necessidade de mão-de-obra para os trabalhos agrícolas nas épocas de plantio e colheita foi atendida, muitas vezes, por pequenos proprietários e posseiros que viviam nas proximidades da grande propriedade. Isso explica a convivência do latifúndio com o minifúndio em vastas extensões do território brasileiro.

A partir da vigência do **Estatuto da Terra**, a agropecuária começou a mudar sua forma de conseguir trabalho temporário. Surgiram, assim, os bóias-frias das pequenas cidades do interior. O processo culminou com a **mecanização** da agricultura, que reduziu muito o emprego no campo.

Exercícios

Exercício 1

Utilizando um atlas, trace o itinerário de Chico desde o norte do Estado do Paraná até chegar ao Porto de Santos, em São Paulo. A seguir, indique:

a) Qual a formação vegetal original do trajeto percorrido?
b) Qual a altitude média que apresenta essa área?

Exercício 2

Preencha a segunda coluna de acordo com a primeira:

a) Lavouras de subsistência
b) Monocultura
c) Latifúndios
d) Bóias-frias
e) Agricultura de exportação

( ) Produção de alimentos para o mercado interno
( ) Grandes propriedades possivelmente produtivas
( ) Produção voltada para o mercado externo
( ) Trabalhadores temporários
( ) Plantação de um único produto

Exercício 3

Complete a frase abaixo:

O campo produz **(a)** ..... e **(b)** ..... A cidade os transforma em **(c)** ..... e fornece **(d)** ..... estabelecendo-se, assim as relações entre **(e)** ..... e **(f)** ..... .

Em nosso país, essas relações foram durante muito tempo determinadas pela **(g)** ....., o que limitou as **(h)** ..... das cidades.

Exercício 4

Explique:

a) Que modificações ocorreram no campo brasileiro a partir da década de 1960?

b) Quais as conseqüências dessas modificações sobre a população trabalhadora do campo?

Exercício 5

Qual o sentido da palavra *sertão*, na música *Luar do Sertão*? Em sua opinião, por que o luar do sertão é mais claro que o da cidade?